

Discurso e identidade: os meandros do perfil da “raça”

Carina Aparecida Lima de Souza – IPTAN

E-mail: carinalima@yahoo.com.br

Fone: (63)8121-1773

Renata Rena Rodrigues – IPTAN

E-mail: renatarenna@yahoo.com.br

Fone: (32) 9954-9681

(Mestradas da CAPES/UFSJ)

Data de recepção: 04/04/2007

Data da aprovação: 10/05/2008

Resumo: Pretendemos analisar os aspectos da organização discursiva que geraram alguns textos que introduzem alguns perfis veiculados pela Revista Raça Brasil *On Line* para não-assinantes. Para tanto, utilizaremos a proposta semiolinguística de Patrick Charaudeau (1992), a qual considera a descrição como um resultado discursivo e, conseqüentemente, passa por um construto cultural. De alguma forma, os internautas/leitores acessam/lêem os textos dos perfis e, nesse jogo de projeção e identificação, podem vir a adotar comportamentos, hábitos dos seres descritos, mas que foram evidenciados a partir das escolhas de quem movimenta no espaço público, no caso, a Revista Raça Brasil.

Palavras-Chave: Discurso – Mídia – Afrodescendente – Identidade – Cultura.

1- Introdução

Almejamos, com este artigo, analisar e interpretar, sob a perspectiva da teoria semiolingüística, os aspectos da organização discursiva que geraram os textos que introduzem cada perfil veiculado pela Revista Raça Brasil *On Line*, na Seção Perfil da mesma, atentando para o modo como se realizou o projeto de fala da revista, ao depreendermos as marcas lingüístico-discursivas que se evidenciam. Para tanto, utilizaremos a proposta de Patrick Charaudeau (1992), especificamente sua proposta sobre o modo de organização descritivo, o qual considera a descrição como um resultado discursivo e que conseqüentemente passa por um construto cultural através dos atos de nomear, localizar-situar e qualificar. O *corpus* deste trabalho é composto pelos únicos dez textos que estão disponíveis na internet para não-assinantes. Esses textos compreendem algumas edições dos anos de 2005 e 2006 da revista em questão.

A Revista Raça Brasil na versão *On Line*, da Editora Símbolo, veiculada mensalmente, é uma publicação dirigida aos afrodescendentes brasileiros, haja vista ser recorrente a alegação no Brasil de não haver veículos midiáticos que tenham como público-alvo tal grupo e, por conseguinte, um conteúdo informativo que lhe interesse.

Isso se valida através do próprio título da revista – Raça Brasil – ao refletirmos sobre os efeitos de sentido do vocábulo “raça”, relacionados tanto a quem o veicula (a mídia) quanto a quem se destina (os afrodescendentes). A mídia, no caso, os

responsáveis pela edição, visa a atingir um número de leitor maior possível, uma vez que o valor mercadológico a move e a sustenta. Desse modo, apresenta um projeto de fala que procura concretizar esse objetivo, veiculando um conteúdo dito do “interesse” do público-alvo. Isso se intensifica à medida que o público dela é somente um grupo e daí o apelo de a revista ser bem específico no título.

De acordo com o Dicionário Aurélio (1988), o vocábulo “raça” apresenta as seguintes acepções:

Raça s.f 1. conjunto de indivíduos cujos caracteres somáticos, tais como cor da pele, a conformação do crânio e do rosto, o tipo de cabelo, etc., são semelhantes e se transmitem por hereditariedade, embora variem de indivíduo para indivíduo. 2. O conjunto dos antecedentes e descendentes de uma família, uma tribo ou um povo, que se origina de um tronco comum. 3. Ascendência, origem, estirpe, casta. 4. Descendência, progênie, geração. 5. O conjunto dos indivíduos com origem étnica, lingüística ou social comum: A América recebeu, pela imigração, europeus de diferentes raças. 6. Geração; gente: Os sertanejos são uma raça forte. 7. Qualidade que se supõe própria de uma origem ilustre, como por exemplo, a distinção, a elegância, a coragem, o vigor. 8. Categoria, classe, espécie: Uma raça de motoristas imprudentes infestava a cidade. 9. Subespécie animal resultante do cruzamento de indivíduos selecionados pelo homem para

manutenção ou aprimoramento de determinados caracteres (Aplica-se especialmente aos animais domésticos.) ● Na raça. Bras. Gír. V. no peito e na raça. Ter raça. Bras. 1. Ter ascendência africana. 2. Ser forte, lutador, bravo, brioso.

Ao considerarmos as acepções do vocábulo “raça”, podemos começar a refletir sobre as possíveis representações da revista já no título. Raça Brasil pode remeter a um *grupo racial* – afrodescendente -, de acordo com o dicionário, mas também incitar a uma valorização do grupo racial – *ser forte, lutador, bravo*. A revista pode garantir o direito dos afrodescendentes brasileiros ao materializar conteúdos informativos de interesse de tal grupo; pode instigar os leitores a lutarem por seus direitos contra o racismo e os preconceitos; pode levar o leitor a procurar a(s) identidade(s) enquanto grupo; como também pode propiciar uma supervalorização da raça afro em detrimento de outras já que se chama “Raça Brasil”, no singular, como se fosse a única raça do Brasil.

Isso posto, a página principal da Seção Perfil da Revista Raça Brasil *On Line* oferece ao internauta/leitor um texto prévio sobre cada indivíduo que terá seu perfil descrito. Destina-se, assim, a chamar a atenção do leitor, enquanto texto midiático, para que, em seguida, acesse os perfis. E diante da reflexão sobre o título também podemos indagar sobre a existência de uma seção chamada Perfil na revista.

2– Desvelando o processo descritivo: um olhar

Os textos que iniciam cada perfil são dispositivos para que os perfis sejam acessados a seguir. Seu conteúdo, por isso, já diz algo que chame a atenção do internauta/leitor e o conduza à leitura, ao “consumido” do perfil. Como a seção em questão é a Seção Perfil, em uma revista cujo público-alvo é o afrodescendente, podemos pensar sobre as semelhanças e/ou diferenças de cada texto e seus efeitos uma vez que são descritivos, a partir da sua situação comunicativa. No caso, podemos constatar que as edições disponíveis na forma *on line* para os “não-assinantes” da revista são dez num montante de vinte e sete perfis.

Daí, por um lado, não se pode deixar de mencionar que a situação comunicativa que envolve os textos é o meio midiático, e, por causa disso, parte de uma visão mercadológica. A revista precisa de internautas/leitores que passem a ser assinantes e para isso eles devem se interessar pelos perfis. Para se alcançar esse interesse, a própria organização do texto – descritiva - contribui juntamente com seu conteúdo. Por outro lado, não é somente uma visão mercadológica que aflora em tais textos na construção do ponto de vista materializado por meio da linguagem deles. A revista escolhe quem será descrito e como será descrito. As ações e características que compõem os textos denotam certa subjetividade. Como adverte Charaudeau (1992), um texto compõe sua identidade sob o ponto de vista de sua organização. Esse modo de organização depende da situação comunicativa

imposta pelos sujeitos envolvidos no ato linguageiro e também depende das diversas ordens do discurso que são usadas para construí-la. Assim, os textos em questão não manifestam somente uma *visada* mercadológica até porque a revista se diz, acima de tudo, um veículo destinado à publicação de assuntos do interesse dos afrodescendentes e tenta, de certa forma, representar esse público. Esse fato, dentro da situação comunicativa dos textos, contribui para a construção da identidade deles.

Ainda, dentro da situação comunicativa, temos que ressaltar o contrato midiático no que tange aos “selecionados” fazerem parte da Seção Perfil. As pessoas descritas são pessoas famosas – no âmbito nacional e/ou internacional e afrodescendentes com certa projeção social, exceto João Bosco. Isso se faz natural haja vista a revista precisar chamar a atenção do público para “adquirir” o produto (a revista deseja lucro), seja através da proximidade por meio dos descritos serem na maioria afrodescendentes, seja por serem pessoas conhecidas e com isso admiradas pelos leitores. O eu-enunciador – a revista – tem em suas mãos os modos de organização do discurso, que apresentam finalidades do discurso engendradas por eles, objetivando e fazendo cumprir o seu projeto de fala. Como vimos, o modo privilegiado na Seção Perfil é o descritivo.

O descritivo, por sua vez, não é neutro, apresentando, segundo Charaudeau (1992), uma visão particular do ser descrito, à medida que a escolha de uma característica sempre

apaga outra e, ao mesmo tempo, constrói um ser a partir de uma visão (quem descreve, a Revista Raça Brasil, dentro de seu projeto de fala). Além disso, o descritivo propicia uma identificação ao ser descrito e, por conseguinte, uma orientação para a interpretação dos internautas/leitores e também processos de representação de um grupo.

De acordo com Charaudeau (1992), o modo de organização descritivo consiste em se situar no mundo, fazendo-se existir através dos atos de nomear, localizar/situar e qualificar, presentes nos textos que designam os perfis. É um modo de fazer se reportar às identidades e qualificações de seus actantes, e com isso se geram representações. Podemos construir, a partir do exposto acima, um quadro dos atos de nomear, localizar/situar e qualificar constituintes da Seção Perfil.

Edição	Nomeação	Localização	Qualificação
Edição 100 Julho/2006	João Bosco	Músico e cantor 30 anos de carreira	<u>Ótimo</u> músico e Cantor; Carreira <u>alheia a oportunismo, modismo e afins</u>
Edição 99 Junho/2006	SAMBA, CULTURA, POLÍTICA - Noca da portela	Secretário de cultura do Rio de Janeiro	“Quero unir a política com o samba”.
Edição 92 Novembro/2005	SARAVA, NAOMI	Top model inglesa se aproxima cada vez mais do Brasil	Se diz <u>meio brasileira</u>
Edição 91 Outubro/2005	NOSSO JORGE	35 anos; artista; atinge seu <u>melhor momento na carreira</u> ; Lota casa de espetáculos <u>em toda a Europa</u> ; grava CD em <u>Paris</u> e ainda atua em <u>Hollywood</u>	Artista de múltiplos talentos

Discurso e identidade: os meandros do perfil da “raça”

Edição	Nomeação	Localização	Qualificação
Edição 89 Agosto/2005	TACADA DE MESTRE Tigger Woods	Supercampeão de Golf	É sinônimo de <u>credibilidade e faturamentos milionários</u>
Edição 88 Julho/2005	WHO’S BAD? Michael Jackson	-----	A trajetória do polêmico e idolatrado Popstar
Edição 87 Julho/2005	OPRAH WINFREY:	Personalidade Feminina mais influente da <u>tv norte-americana</u>	Inteligente, bonita e talentosa
Edição 86 Maio/2005	LENNY O SEDUTOR	O cantor <u>da vez</u> faz sucesso no <u>mundo inteiro</u> ; -lota estádios	Bate <u>recorde de vendas</u> ; faz <u>sucesso</u> no mundo inteiro
Edição 85 Abril/2005	ARTURO NUÑES	Saiba quem é o <u>vice-presidente da NBA</u>	O <u>americano</u> que está de olho nos craques
Edição/84 Março/2005	SHERON MENEZES	Atriz	Revela segredos para estar linda e ter sucesso profissional

Com esse quadro, podemos pensar na composição dos referidos textos em termos de semelhanças e diferenças e seus respectivos efeitos de sentido enquanto ato linguageiro. Sobre isso, Charaudeau (1992) diz que cada procedimento discursivo exige um modo de organização. Podemos, por isso, distinguir a finalidade de um texto e seu modo de organização, uma vez que o texto construído é composto pelo ponto de vista de sua organização. Nesse sentido, a partir das considerações anteriores e do quadro proposto, refletiremos sobre as representações dos afrodescendentes, trazidas pela Seção Perfil através dos seres descritos e construídas pelas três componentes do modo de organização descritivo.

Na segunda coluna do quadro, temos a componente *nomeação*, que se refere a um ato que consiste em dar existência a um ser, salientando-se que quem nomeia é aquele que produz o discurso e, portanto, está submetido à visão de mundo do sujeito descritor. O ato de nomear, no modo de organização descritivo, é arbitrário até certo ponto uma vez que o sujeito nomeado é determinado pelas características culturais dos grupos sociais a que pertence: “Il faut préciser cependant que le sujet est surdéterminé par les caractéristiques culturelles du groupe social auquel il appartient” (CHARAUDEAU, 1992, p. 660). Dentro dessa perspectiva, a Revista Raça Brasil *On Line*, no anúncio de cada perfil, nomeou os seres descritos através dos *procedimentos lingüísticos* de denominação, atualização, dependência e quantificação (CHARAUDEAU, 1992).

A denominação se dá por meio dos nomes próprios e dos

nomes comuns que, em algumas edições, acompanham os nomes próprios, enfatizando a função do ser descrito no mundo. Essa denominação com os nomes próprios – *João Bosco, Noca da Portela, Naomi, Jorge, Tigger Woods, Michael Jackson, Oprah Winfrey, Leny, Arturo Nunes e Sheron Menezes* - tenta justificar a escolha dos seres descritos por serem pessoas do mundo dos famosos e afrodescendentes, exceto João Bosco. Isto é, o “grupo” em questão também pode possuir fama. Destaca-se o “fazer” do ser descrito – ser cantor, ator/atriz ou pertencer ao mundo dos esportes. Isso pode gerar uma projeção em relação aos internautas/leitores: desejo de fama, como forma de ascensão social. Além disso, dos dez descritos, nove são afrodescendentes, sendo que seis são estrangeiros. Podemos pensar com tais dados que os estrangeiros representam melhor os seres negros de sucesso do que os brasileiros pertencentes ao mesmo grupo. Assim, mesmo a carreira por meio da fama, sendo uma forma de ascensão social, não é comum no Brasil pela porcentagem materializada na seção.

Ainda, como foi dito anteriormente, das dez pessoas descritas, 60% são pessoas estrangeiras. A partir disso, pode-se pensar que no Brasil há menos pessoas que “sirvam” para serem descritas, que sejam exemplo para os afrodescendentes brasileiros, ou pode-se pensar que o Brasil é um país que precisa se desenvolver muito para ter muitos afrodescendentes a serem descritos; o contrário ocorre no exterior. Quanto aos nomes comuns, foram escolhidos pela revista e por isso trazem

subjetividade ao tentarem construir certo processo identitário entre o ser descrito e o público-alvo, ou seja, como tal público deve agir – *Samba, Cultura, Política; Saravá; Tacada de Mestre*. Há uma ênfase no “fazer” de cada um.

A *atualização* aparece na nomeação de Lenny Kravitz – o sedutor. O artigo definido “o” dá unicidade, particulariza o fazer de Lenny, denotando ênfase ao fazer sedutor do cantor. Além de ser cantor é muito sedutor.

Já a *dependência* se faz presente no pronome possessivo “nosso”: *Nosso Jorge*. Esse possessivo constrói a idéia de posse em relação ao pertencimento (nacionalidade do ser), já que é um ser reconhecido pelo fazer. Há um afrodescendente que é famoso internacionalmente e que é brasileiro, “pertence” ao Brasil.

Na nomeação dos textos, não houve o procedimento lingüístico da *quantificação*.

Do mesmo modo, a componente nomear enquanto *procedimento discursivo*, para Charaudeau (1992), sinaliza os procedimentos de identificação e projeção do público-alvo. A identificação consiste em fazer existir os seres do mundo pelo processo de nominalização. Por isso descrever consiste em conceber as identidades de acordo com o mundo, e daí serem consideradas flexíveis e também apresentarem consenso dentro de códigos sociais:

Décrire consiste donc à identifier des estres du monde dont on peut vérifier l'existence par consensus (c'est-à-dire selon des codes sociaux). Cepedant, cette identification est

limitée, voire contraint, par finalité des situations de communication dans laquelle elle s'inscrit, et relativisée, voire rendue subjective, par la décision du sujet décrivant (CHARAUDEAU, 1992, p. 660).

Essas nomeações designam que um modo de o afrodescendente ascender socialmente ou ser reconhecido e respeitado é sendo ator, cantor ou pertencer ao mundo dos esportes. Há identificações e projeções sobre os internautas/leitores a esse respeito. Podemos nos remeter daí ao nome da seção – Perfil – e relacioná-lo ao próprio nome da Revista – Raça Brasil. A seção Perfil pode representar a Raça Brasil e, se assim o for, a revista projeta, como proposto anteriormente, “garra, força” para que um grupo racial tenha ascensão através da corrida pela fama.

Essas identidades, dentro de certos códigos sociais, também podem ser constatadas e legitimadas na terceira coluna do quadro. A componente *localização*, segundo Charaudeau (1992), consiste no ato de situar os seres, determinando-lhes o lugar que ocupam, compreendendo um recorte objetivo do mundo, ainda que tal recorte esteja vinculado à visão de um grupo social, à visão que um grupo “cultural” projeta sobre o mundo. Por conter dados concretos e que pertencem ao mundo real, esse componente credibiliza e dá veracidade à nomeação, mesmo que os dados tenham sido selecionados pela revista para a publicação:

Músico e cantor, 30 anos de carreira;
secretário de Cultura do Rio de Janeiro;
top model inglesa, se aproxima cada vez

mais do Brasil; 35 anos, artista, atinge seu melhor momento na carreira, lota casa de espetáculos em toda a Europa, grava CD em Paris e ainda atua em Hollywood; supercampeão de golfe; personalidade feminina mais influente na TV norte-americana; o cantor da vez, faz sucesso no mundo inteiro, lota estádios; saiba quem é o presidente da NBA; atriz.

Vale ressaltar, no entanto, que não aparece a localização de Michael Jackson. Nesse caso, parece que a nomeação dele juntamente com o complemento – Who's Bad? – localizam-no, tamanha é a sua fama. Também há uma ênfase na tentativa de argumentação de que ele, mesmo tentando um branqueamento, é um afrodescendente e não é mau, é um “vencedor” na vida.

As localizações sinalizam, através da função “ser famoso”, até onde o público-alvo pode chegar na vida, o lugar que pode ocupar na sociedade: o topo da fama. É possível o afrodescendente ter fama, sucesso e a forma, para tal intento, materializada pela revista na Seção Perfil, é o pertencimento ao mundo dos artistas e do esporte. Não há outras localizações nos perfis veiculados pela revista. Além disso, a localização dessas pessoas é construída através do “fazer” delas porque as qualifica junto ao público. Na componente localização, constituinte da Seção Perfil, o mundo das celebridades. Essa componente suscita os procedimentos de construção objetiva de mundo. Parece haver, pois, somente dados, mas a construção objetiva do mundo consiste em construir uma visão de verdade sobre o mundo referente ao sujeito que fala: “Cette localization

-situation témoin d'un découpage objectif du monde, mais on n'oublie pas que ce découpage dépend de la vision qu'un groupe culturel projette sur ce monde” (CHARAUDEAU, 1992, p. 661).

Do mesmo modo, a componente *qualificação*, do modo de organização descritivo, se faz presente nos textos analisados. Trata-se de “atribuir a um ser uma qualidade que o caracteriza e o especifique, classificando-o em um sub-conjunto” (CHARAUDEAU, 1992). Toda qualificação é testemunha do olhar que o sujeito falante tem sobre os seres e o mundo, ou seja, é testemunha da sua subjetividade. Todos os indivíduos descritos pertencem ao mundo dos artistas ou dos esportes. Essa localização os leva à qualificação que os individualiza e os diferencia. Essa qualificação também se constrói através das ações dos seres descritos e ao mesmo tempo pela seleção dessas ações pelo ser descritor (a revista):

Ótimo músico e cantor, carreira alheia a oportunismos, modismos e afins; “Quero unir a política com o samba”; se diz meio brasileira; artista de múltiplos talentos; é sinônimo de credibilidade e faturamentos milionários; a trajetória do polêmico e idolatrado postar; inteligente, bonita e talentosa; bate recorde de vendas, faz sucesso no mundo inteiro; o americano que está de olho nos craques; Revela segredos para estar linda e ter sucesso profissional.

Dizemos que a seleção das qualificações feita pelo ser descritor confirma que o afrodescendente pode ter sucesso,

fama nacional e internacional, dinheiro, se ligado ao mundo dos artistas e dos esportes.

Para Charaudeau (1992), qualificar é uma atividade que permite ao sujeito falante testemunhar sua imaginação individual e/ou coletiva, imaginação da construção e da apropriação do mundo dentro de um jogo de conflitos entre as visões normativas impostas pelos consensos sociais e pelas próprias visões do sujeito. Constatamos que o sujeito descritor está comprometido com o texto que produz ao qualificar, produzindo conscientemente ou não, certo número de efeitos que o leitor pode ou não perceber. E todos esses efeitos estão relacionados a um projeto de fala; no caso, apresentar perfis de afrodescendentes que chamem a atenção dos internautas para que venham acessá-los (consumi-los). Há, de certa forma, uma projeção dos internautas nas celebridades dos perfis.

3 – Construindo Identidades

Pretendemos aqui fazer uma leitura da Seção Perfil, relacionando-a com questões sobre discurso, mídia, identidade e cultura.

Os textos analisados, textos descritivos, são estratégias midiáticas uma vez que a organização composicional deles chama a atenção do internauta ao descrever em sua grande maioria afrodescendentes e famosos. Também o próprio fato de as características descritas enfatizarem o mundo das celebridades espetaculariza os perfis. “O espetáculo midiático não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre

pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 1997, p. 13). O homem passa a ter sua relação com a sociedade cada vez mais intermediada pelas imagens ou por diferentes mediações especializadas.

O espetáculo funciona como o exagero da mídia, cuja natureza, indiscutivelmente boa, apresenta a função de comunicar, informar, mas também recorre a excessos. Para tanto, os responsáveis pelo espetáculo influenciam um imenso número de pessoas por toda parte e executam seus juízos sumários:

O governo do espetáculo, que no presente detém todos os meios para falsificar o conjunto da produção tanto quanto da percepção, é senhor absoluto das lembranças, assim como é senhor incontrolado dos projetos que modelam o mais longínquo futuro (DEBORD, 1997, p. 174).

Segundo Debord (1997), o indivíduo que foi marcado pelo pensamento espetacular coloca-se de antemão a serviço da ordem estabelecida, embora sua intenção subjetiva possa ser o oposto disso. Eis um dos aspectos mais importantes do sucesso obtido pela dominação espetacular. Dentro dessa perspectiva, os textos que iniciam os perfis contribuem para responder aos anseios dos internautas/leitores através da descrição, construindo certos ideais de vida – submetidas com quem construiu o descritivo (revista) nos textos. No sentido semiótico, parece consistir em fazer com que um

Segundo Gee (1999), as construções sociais são *modelos culturais* que influenciam nas experiências e posições sociais das pessoas no mundo. Eles também projetam sobre o mundo o lugar onde as pessoas se posicionam socialmente. Assim, os sentidos se constituem no engendramento do sistema cultural, já que os sentidos são produtos de crenças, costumes e vivências de um grupo. Os afrodescendentes, como qualquer outro grupo dito “racial”, se constituem por processos identitários e não por uma identidade como se acreditou por muito tempo. As identidades modernas estão sendo descentradas. Há uma mudança estrutural que está transformando as sociedades:

Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplodeslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. (HALL, 2006, p. 9).

A fragmentação das identidades produz um movimento de tentar igualar as pessoas, torná-las próximas, dentro de um mercado mundial como estratégia mercadológica, e a mídia é uma grande propulsora desse movimento. A revista Raça Brasil, porém, num primeiro momento, parece ir contra esse movimento de fragmentação ao se dizer tentar fazer o fortalecimento da identidade dos afrodescendentes enquanto grupo, e isso ocorre ao produzir uma revista “para si mesmos”. Isso se materializa em a revista escolher perfis de praticamente somente o mesmo grupo. Num segundo momento, podemos pensar que tal fortalecimento de luta para se conquistar o mesmo espaço social, a busca dos mesmos direitos e do reconhecimento dos ditos brancos no Brasil também os fragmenta, haja vista, de certa forma, desejarem o mesmo “espaço” dos brancos, através da ascensão social com o mundo dos esportes e dos artistas:

À medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2006, p. 13).

Da mesma forma, a cor da pele pode servir como um dispositivo discursivo ou uma categoria mobilizadora através da qual variados interesses e variadas identidades das pessoas possam ser reconhecidos e representados. Há um jogo de identidades de acordo com interesses políticos, econômicos e sociais que acabam “costurando”, mantendo, transformando e criando os sistemas culturais. As identidades são construídas de acordo como os sujeitos são interpelados ou representados.

Os afrodescendentes não nascem com as identidades, mas são formados e transformados no interior da representação. Nós só sabemos o que significa ser afrodescendente devido ao modo como ele veio ser representado. A Seção Perfil materializa isso, traz um meio de representar os negros, mesmo tendo um fim mercadológico. A revista *Raça Brasil On Line* representa na Seção Perfil que a carreira artística e ligada ao meio esportista é meandro para a ascensão social dos afrodescendentes, e isso pode ter uma conotação positiva e negativa. Positiva se pensarmos em termos de reafirmação racial – o afro é capaz de ter tais carreiras de sucesso –, mas é negativa ao considerarmos que a Seção Perfil não dá exemplo de afros com outras carreiras que tenham alcançado êxito. Ainda aí há demarcação de lugar, representação preconceituosa da revista. Segue que essas representações não funcionam somente como “entidades políticas”, mas também produzem sentidos, são sistemas de representação cultural.

Ainda há uma projeção em sua maioria de “afroestrangeiros” em detrimento de “afrobrasileiros”,

propiciando um possível desejo de identificação do internauta/leitor com o “estrangeiro”, especificamente a Inglaterra e os Estados Unidos. Isso, porém, se contrapõe ao próprio nome da revista – Raça Brasil. Afrodescendentes podem ser vistos como discursos, sendo modos de construir sentido que influenciam e organizam tanto as ações quanto à concepção que se tem de si mesmo, e com isso se identificam e constroem identidades. A Seção Perfil, por exemplo, tenta quebrar uma tradição⁵ brasileira de um lugar subalterno para o afrodescendente, projetando a idéia de que ele pode ter êxito, sucesso na vida profissional. A Raça Brasil está demarcando lugar para o “afro” e também construindo uma tradição “nova” para ele – ascensão pelo esporte e pelo meio artístico.

Nesse sentido, acreditamos, assim, que a Seção Perfil tenta reforçar e unificar a questão da raça ao redor do negro por considerar o histórico político-social brasileiro preconceituoso e racista, mas age assim, de certa forma, ao apresentar somente duas possibilidades ao negro.

Vale ressaltar, nesse âmbito, que ainda é muito difícil unificar a identidade em torno da raça, mas é o que o próprio nome da revista parece incitar. A Raça Brasil aparece como se o afrodescendente fosse o sinônimo da identidade brasileira, com o intuito de fortalecê-la, torná-la una, uma exaltação do afrodescendente, pautando-se no termo “raça” também através da Seção Perfil. De acordo com Hall (2006, p. 63):

⁵“Tradição”, aqui no sentido de Hobsbawum e Ranger (apud Hall, 2006, p. 54): Tradição inventada significa um conjunto de práticas (...), de natureza ritual ou simbólica, que buscam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, a qual, automaticamente, implica continuidade com um passado histórico adequado.

Araça é uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, freqüentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas – cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc. – como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro.

O caráter não-científico do termo “raça”, porém, não anula a construção da lógica racial. O que ocorre nos últimos tempos é que as noções biológicas sobre raça entendidas como constituída de espécies distintas têm sido substituídas por definições culturais.

Diante de tal panorama, observamos o papel da Seção Perfil, cujo público-alvo é um grupo justificado pela “raça”. Sobre isso Hall (2006, p. 77) comenta que ao lado da tendência em direção à homogeneização global, há também uma fascinação com a diferença e com a mercantilização da etnia e da alteridade”. Os “nichos” de mercado da globalização, como é o caso da mídia, exploram a diferenciação local. Parece haver a necessidade de se dizer que o negro é diferente, coeso, mas também é capaz de ser artista, atleta como o grupo dos brancos – é a “diferença na semelhança”.

A revista, porém, poderia também mostrar exemplos de afrodescendentes que têm ascensão social, econômica por meio de outras carreiras, incentivando uma

maior escolaridade e de qualidade, uma formação acadêmica. Schwartzman (1997) divulgou dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) revelando a situação da educação brasileira, que agrava a desigualdade entre as pessoas e etnias e regiões geográficas: “a escolaridade média dos negros e mulatos é de apenas 3.3 anos enquanto a de brancos é de 5.9 anos”. Os dados são alarmantes e a revista não manifesta, na Seção Perfil, outras carreiras para os afrodescendentes através, por exemplo, da educação propedêutica.

4– Considerações Finais

Ao final deste trabalho, que não pretendeu esgotar a questão, podemos concluir que, enquanto objetos midiáticos, os textos descritivos analisados são espetacularizados, oferecem uma influência social, visando ao acesso/leitura dos perfis e ainda agem como reguladores inovadores ou refletores de modelos socioculturais vigentes.

Isso posto, o que pudemos observar durante esta breve análise foi a presença do enunciador dando a tônica nos textos de iniciais de cada perfil, e por isso temos nessas pequenas descrições uma visada do objeto a ser descrito, fundando-o como objeto de discurso, e garantindo-lhe uma existência, uma localização e uma qualificação.

Cabe ao afrodescendente, como uma das formas de ascensão social, a carreira artística ligada ao esporte. Parece que tais descrições refletem também certos modelos culturais, valores sociais arraigados em nossa sociedade. De alguma

forma, os internautas/leitores acessam/lêem (consomem) os textos, e nesse jogo de projeção e identificação podem vir a adotar comportamentos, hábitos dos seres descritos, mas que foram evidenciados a partir das escolhas de quem movimenta e espaço público, a Revista Raça Brasil, no trabalho em questão. Nesse sentido, os textos podem se aproximar de textos publicitários por apresentarem os perfis como modelos de vida para os afrodescendentes como se fossem produtos a serem “consumidos”.

5– Referências

- CHARAUDEAU, Patrick. Le mode d'organization descriptif. In: *Grammaire du sens et l'expressions*. Paris: Hucitec, 1992.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FERREIRA, Aurélio B. de H. *Dicionário Aurélio básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- GEE, J. P. Cultural models. In: *An introduction to discourse analysis: theory and method*. London: Routledge, 1999.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MACHADO, Ida Lúcia *et al.* *Teorias e práticas discursivas: estudos em análise do discurso*. Belo Horizonte: UFMG/FALE/Núcleo de Análise do Discurso: Carol Borges, 1998.
- SCHWARTZMAN, S. *Anuário Estatístico do Brasil*. IBGE. São Paulo, 1996.

Discourse and identity: meanders of race's profile

Abstract

We aim at analyzing aspects of discursive organization that originated some texts that introduce some profiles conveyed by *Raça Brasil On Line* magazine for non-susbscribers. For that purpose, Patrick Charaudeau's semiolinguistic proposal (1992) will be utilized. Description, here, is considered as a discursive result, and consenquently it passes by a cultural construct. Somehow, internet users/readers access/read texts of profiles, and through this game of projection and identification they may adopt behaviours and habits of those that have been described and evidenced from the choices of those who move within the public space, in this case, *Raça Brasil Magazine*.

Keywords: discourse – midia – Afrodescendant – identity - culture